



## EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇO DE CONHECER E APAIXONAR-SE PELO MUNDO

Larissa Mendes Monteiro

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro – [lmendes.monteiro@gmail.com](mailto:lmendes.monteiro@gmail.com)*

### INTRODUÇÃO

É certo que o mundo que rodeia as crianças muito tem a ensinar. É rico em cores, letras, palavras, pessoas, lugares, natureza... São informações atrás de informações. São desconhecimentos atrás de desconhecimentos. Entretanto, suas vivências articuladas com o dia a dia escolar as auxiliam a organizarem e estruturarem todas essas informações, incentivando e motivando a paixão por conhecer o mundo, possibilitando reconhecerem-se como seres pensantes e atuantes no meio em que vivem. Como um belo apontamento de Madalena Freire diz:

“[...] a busca do conhecimento não é preparação para nada, e sim vida, aqui e agora. E é esta vida que precisa ser resgatada pela escola. Muito temos que caminhar para isso, mas é no hoje que vamos viabilizando esse sonho de amanhã” (2014, p. 15).

Logo, o conhecimento não deve ser postergado, não deve-se tardar sua significância. Hoje é dia de conhecer, mesmo na infância, mesmo sendo “ainda” na educação infantil. É nesse território que os primeiros contatos com o mundo acontecem, o que geram relatos, dúvidas, conclusões, questões e até mesmo confusões. É, então, na educação infantil, o melhor lugar para se iniciar toda essa caminhada de conhecimento, sem subestimação de indivíduos.

Um educação proposta aqui é aquela que objetiva a interação do conhecimento com a vida dos alunos. Um conhecimento esse que não se finaliza, é inacabado e reconstruído a cada dia, em permanente descoberta, um prazer para a vida toda. É uma educação que valoriza as interrogações, suposições e julgamentos sobre os fenômenos perceptíveis na realidade pelas crianças, ou seja, parte da experiência vivida.



## METODOLOGIA

De acordo com a epistemologia genética de Jean Piaget (1970), a inteligência não surge como um dom hereditário mas precisa ser desenvolvida e estimulada. É exatamente na relação com o mundo, agindo sobre ele e recebendo a ação que o conhecimento se constitui, que os conhecimentos vão sendo construídos desde o nascimento, não existindo um ponto de partida ou um momento de “não conhecimento”.

Não é sobre repetir, recitar e depositar conteúdos sem reflexão, mas sim, agir, operar, construir e criar a partir de uma interpretação própria, “porque o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém” (FREIRE, 2014, p. 15). O aluno é visto como sujeito cultural, que não só vive uma cultura, mas a produz, a significa e ressignifica em suas práticas. Sendo assim, ele assume a posição de alguém que não tem um saber infantilizado ou uma cognição inferior, mas sim de uma autonomia intelectual e moral que vai sendo incentivada e trabalhada, com um processo permanente e duradouro de aprendizagem e troca de saberes. Como afirmado por Madalena Freire:

“A criança pensa, agindo concretamente sobre os objetos. Ela opera, pensa a realidade transformando-a, e cada vez mais este pensar vai deixando de se apoiar no concreto. A criança vai interiorizando, abstraindo suas ações sobre a realidade” (2014, p. 29)

E para que isso se efetive é preciso que reconheça-se a educação infantil como início dessa caminhada pelo prazer e anseio do conhecimento. Para isso, é necessário atentar-se ao ambiente que é oferecido nesse segmento e como suas percepções são definidas, visando uma aplicação desse pensamento que foge de uma educação tradicional, mas busca uma constante relação e interação entre os diversos espaços experienciados pelas crianças.

O RCNEI aponta que:

“A aprendizagem transcende o espaço da sala, toma conta da área externa e de outros espaços da instituição e fora dela. A pracinha, o supermercado, a feira, o circo, o zoológico, a biblioteca, a padaria etc. são mais do que locais para simples passeio, podendo enriquecer e potencializar as aprendizagens”. (BRASIL, 1998, p.58)



Com isso, é possível articular os apontamentos de Barbosa (2006) em relação a esse mundo externo. Muitas das vezes, o muro da escola apresenta-se com uma “zona de fronteira” (BARBOSA, 2006, p. 128), ele separa o que é ou não contribuinte para a educação daquela instituição. Separa a comunidade, as famílias e as zonas comunitárias das vivências promovidas dentro de um espaço delimitado. O conhecimento do espaço e sua dimensão educativa deveria atingir todas as crianças, para que assim sua criatividade e sua imaginação fossem cada vez mais estimuladas e exploradas, além de terem liberdade para os transformarem pela sua ação e atuação, rompendo com restrições espaciais que alienam e restringem os ambientes que lhes cercam.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reprovação e a evasão escolar são questões educacionais que muito preocupam e marcam bem a sociedade brasileira atual. Entretanto, suas erradicação deveriam ser pensadas em momentos precedentes aos que o real problema aparece. Desde a educação infantil há um hábito em introduzir conteúdos e conhecimentos desconectados das vivências das crianças, que geram insatisfação e desgastam a vontade pelo saber. Porém, uma busca espontânea, corajosa e curiosa pelo saber gera não só motivação, como oferece prazer, assumindo uma amplitude social.

As crianças precisam ter consciência de que por mais que muitas de suas aulas na escola consistam em estudos de saberes pré-definidos, pré-formulados e cientificamente validados, o saber não se resume a isso. Eles, os alunos, são criadores de saberes. Criam e significam a todo tempo saberes a partir de suas experiências cotidianas, o saber efetivo se constrói com a participação da criança, é preciso que ela se insira nessa busca como um ser ativo e influenciador no seu conhecimento.

Talvez isso tudo possa parecer relevantes preocupações quando trata-se aqui de educação infantil. Entretanto, poucos reconhecem o quanto cada vez mais a educação infantil vem sendo muito mais escola, no sentido institucional da palavra, rompendo com as práticas que as diferenciam dos segmentos posteriores.

A educação infantil é espaço de conhecer, mas para isso é preciso que as crianças reconheçam-se como conhecedores. Conteúdos e planejamentos a serem cumpridos não podem ser sobrepostos às suas conquistas, questões e conhecimentos. As experiências e rotinas devem ser guiadas e criadas pelos pequenos, sem subestimá-los, mas valorizando seu potencial imaginativo e



suas diversas vivências que também têm muito a ensinar. É preciso que se enxergue a criança como participadora ativa nesse processo de construção de saberes que vai definindo o currículo e o cotidiano escolar. “Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente ‘lido’, ‘interpretado’, ‘escrito’ e ‘reescrito’” (FREIRE, 2015, p.95), e isso não se realiza somente com decisões de professores e equipe escolar, os alunos, mesmo crianças, são seres ativos e influentes em todo o ambiente da instituição.

Um dos resultados mais significantes dessa atitude é o que é gerado na criança, a partir dos incentivos, percebe-se como criadora de vivências, influenciadora da rotina escolar e além de tudo apaixonada-se por tudo isso, passa a amar conectar o que aprende com o que vive e com o que já aprendeu, realiza prazerosas conexões entre o mundo fora da escola e o dentro dela, mantém instigado sua busca por conhecimento, admira o saber e o conhecer, não o mantém apenas dentro da escola, mas o utiliza em sua vida cotidiana, da mesma forma que suas experiências pelo mundo também ganham significação, tudo vai ganhando sentido e forma, e o que foge disso geram dúvidas e questões o que provoca e mantém o ciclo da busca pelo conhecimento. Nessa mesma lógica, Madalena Freire diz que:

“É que, se a prática educativa tem a criança como um dos seus sujeitos, construindo seu processo de conhecimento, não há dicotomia entre o *cognitivo* e o *afetivo*, e sim uma relação dinâmica, prazerosa de conhecer o mundo” (2014, p. 15).

## CONCLUSÃO

Diante todo o exposto, avalia-se a importância de se ter a educação infantil como espaço de paixão e prazer pelo conhecimento, onde a criança encontra lugar para ser ativa, participativa, experimentando, criando e imaginando, inclusive para além dos muros da escola. “É através da ação, do testar, do usar suas capacidades, que o pensamento se desenvolve” (FREIRE, 2014, p. 29). A partir das ações dos pequenos as propriedades dos objetos vão se estabelecendo e as características do mundo vão sendo desenvolvidas. Nessa visão, é possível agir sobre a realidade,



com ricas interações que não definem um único sabedor, mas diversos participantes que caminham juntos construindo descobertas.

As crianças devem ser convidadas a questionarem em busca de maior autonomia sobre os saberes. Sim! Elas podem ser autônomas sobre os que aprendem e o que conhecem, sendo o professor mediador desse processo, estimulando a curiosidade, a fantasias, as questões, problematizando situações cotidianas, etc.

Finalizando esse pensamento, o que se segue diante das atitudes providas dos apontamentos apresentados, gera na criança uma relação íntima e admiradora pelo saber, e isso possibilita uma caminhada contínua, amável e encantadora entre ricos conhecedores que juntam-se em busca do conhecimento.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire – 52ªed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Madalena. A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens das crianças: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana. A escola pública aposta no pensamento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 - (Coleção Ensino de Filosofia;4).

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

